

Editorial

Seja a filosofia o que for, está presente em nosso mundo e a ele necessariamente se refere.

Certo é que ela rompe os quadros do mundo para lançar-se ao infinito. Mas retorna ao finito para aí encontrar seu fundamento histórico sempre original.

Certo é que tende aos horizontes mais remotos, a horizontes situados para além do mundo, a fim de ali conseguir, no eterno, a experiência do presente. Contudo, nem mesmo a mais profunda meditação terá sentido se não se relacionar à existência do homem, aqui e agora.

(Karl Jaspers)

Neste segundo número da *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea* – publicação vinculada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), temos a satisfação de apresentar ao leitor dez artigos e duas traduções inéditas para o português.

(1) No artigo “Paisagem: natureza perdida, natureza reencontrada?”, Adriana Veríssimo Serrão, professora associada (com agregação) do Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa, se propõe a analisar os debates contemporâneos relativos ao conceito de “paisagem”, que não mais se concentram no problema da distinção entre “paisagem” e “natureza” (como faziam as teorias de Simmel e Ritter), mas na questão da naturalidade do natural (ou melhor, na possibilidade de restituir à paisagem a naturalidade perdida). (2) Silvana de Souza Ramos, professora doutora do Departamento de Filosofia da USP, investiga, no seu artigo “Sobre a imaginação: de Sartre a Merleau-Ponty”, o modo pelo qual Merleau-Ponty compreende a experiência do imaginário ao longo de sua obra. Para tanto, a sua análise enfatiza, primeiramente, a proximidade desse pensador com a filosofia de Sartre (que convida a pensar a imaginação como exercício da liberdade da consciência) e, em segundo lugar, amparada na psicanálise freudiana, a inovadora abordagem merleau-pontiana do imaginário (que analisa o caráter corpóreo e passivo das produções imaginárias). (3) Em “Kierkegaard y Freud: enfermedad, terapéutica y cura”, Pablo Uriel Rodríguez, doutorando e docente da Facultad de Filosofía de la Universidad de Morón, pretende discutir a ideia, implícita à filosofia de Kierkegaard e à psicologia de Freud, de que o homem é um ser que dialoga consigo mesmo. Neste sentido, apresenta o

diagnóstico estabelecido por ambos de que o sujeito moderno, devido à interrupção da sua autorrelação, é incapaz de compreender corretamente a si mesmo. Em seguida, expõe a terapêutica proposta pelos mesmos para recompor essa autorrelação. (4) No artigo “Intuição categorial: Um estudo a partir de Heidegger”, Marcos Aurélio Fernandes, professor adjunto do Departamento de Filosofia da UnB, tem por objetivo explicitar, no horizonte do pensamento heideggeriano (em que a fenomenologia se mostra como ontologia), o que é apreendido por uma “intuição categorial” e de que maneira consistências ideais (que não se confundem com funções de pensamento ou produtos do sujeito) são intuídas em toda experiência. (5) Romildo Gomes Pinheiro, pós-doutorando em filosofia na Université Catholique de Louvain, examina, no seu artigo “Aller-retour sur Arendt et Marx – travail, Stoffwechsel, apprentissage”, os limites da crítica de Arendt ao conceito de trabalho de Marx e a presença de pressupostos marxistas no pensamento de Arendt. Para tanto, critica a diferença entre trabalho e fabricação (partindo da distinção entre processos de trabalho e de valorização), explica como a concepção marxista de força de trabalho é mobilizada por Arendt (na discussão de uma superpopulação relativa), e reconsidera o conceito de *Stoffwechsel* à luz da distinção entre trabalho e fabricação. (6) No artigo “Racismo de estado e tanatopolítica: Sobre o paradoxo do nazismo em Michel Foucault e Giorgio Agamben”, Francisco Bruno Pereira Diógenes, mestre em filosofia pela UFC, promove um paralelo entre as noções de “Racismo de Estado” e “Tanatopolítica”, que permeiam respectivamente as obras de Foucault e Agamben, tomando como pano de fundo a política totalitária do Estado nazista. Em vista disso, procura mostrar que, apesar de compreenderem os fenômenos totalitários a partir da biopolítica, ambos pensadores divergem no tratamento do Estado Nacional-socialista. (7) Andrea Cachel, professora adjunta da UFJF, analisa, no seu artigo “Crença no mundo exterior: Mente e objetividade em Hume”, a discussão humeana relativa à crença nos corpos, mostrando que a inteligibilidade da existência externa funda-se, segundo o filósofo, na atividade imaginativa da mente e pressupõe uma resignificação dos conceitos de mente e de percepção. (8) Em “Leidenschaften und Interessen: Hegel und die kritische Begründung der politischen Ökonomie”, Filipe Campello, doutor pela Goethe-Universität Frankfurt e pós-doutorando em filosofia na UFPE, discute a teoria hegeliana da sociedade civil em um quadro atual, focalizando a tensão entre paixões e interesses própria do modelo econômico-político do capitalismo. Para tanto, inicia apresentando a contribuição teórica de Hegel a esse debate. Em seguida, expõe a proposta de um quadro institucional como promotor das garantias de

uma satisfação recíproca de interesses individuais. Por fim, propõe uma “solidariedade institucionalizada”, concebida como complementar à contingência do sentimento individual. (9) No artigo “O conceito de igualdade na filosofia política contemporânea: Um debate entre Rawls, Dworkin e Amartya Sen”, Fabio Alves Gomes de Oliveira, doutorando em filosofia na UFRJ, e Jacqueline de Souza Gomes, pós-doutoranda em filosofia na UFRJ, se propõem a discutir o foco que, no âmbito da teoria política normativa, deveria ocupar a posição central de uma visão igualitarista. Neste sentido, analisam criticamente as visões de Rawls (igualdade baseada na satisfação de necessidades básicas), Dworkin (igualdade de recursos) e Amartya Sen (igualdade de capacidades). (10) Em “Sociologia da ciência: realismo, idealismo e construtivismo”, Vicente de Paula Gomes, professor adjunto da UFPI, tem por objetivo demonstrar que o construtivismo (que caracteriza o modelo de inquirição da sociologia da ciência) não nega a função determinante da natureza na construção da ciência. Para tanto, tendo em vista o debate suscitado pelo movimento neopragmático em torno da função fundante dos saberes autodefendida pela filosofia, contrapõe o ponto de vista da sociologia da ciência ao realismo e ao idealismo. (11) Priscila Rossinetti Rufinoni, professora adjunta do Departamento de Filosofia da UnB, além de apresentar a tradução da “Descrição de Apolo em Belvedere, de Johann Joachim Winckelmann”, texto escrito entre 1755-56, busca, no seu ensaio introdutório “Entre o sublime retórico e o sublime moderno: o Apolo de Winckelmann”, inspirada poeticamente, recuperar importantes detalhes que envolvem o texto em questão. (12) Por fim, apresentamos a nota “GRAMSCI, Antônio (1891-1937) – de Maurice Merleau-Ponty”, traduzida por Alex Calheiros, professor adjunto do Departamento de Filosofia da UnB, e Leandro Neves Cardim, professor adjunto do Departamento de Filosofia da UFPR, precedida por uma breve introdução intitulada “Merleau-Ponty leitor de Gramsci”.

Gostaríamos de aproveitar o ensejo para agradecer a todos os autores, por terem honrado a *Revista* com as suas produções, bem como aos membros do corpo editorial, avaliadores, editores e leitores de provas, pela fundamental colaboração na confecção da presente edição.

Alexandre Hahn